

Pedro de Camargo Neto, Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs)

O suíno está pronto para voar

da Redação

A GRIPE suína, depois rebatizada como A (H1N1) e a crise econômica passaram a rasteira na suinocultura em 2009. Por conta mais da crise do que do vírus, produtores e agroindústria fecharam o ano com sérios prejuízos.

“O governo anunciou durante meses milhões de reais que não chegaram até o caixa das empresas. O aperto obrigou ajustes nos estoques afetando a oferta, com consequências nos preços, em particular no suíno vivo do mercado *spot*”, explica Pedro de Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora da Carne Suína (Abipecs).

Mas daqui para a frente, segundo Camargo Neto, a carne suína brasileira está preparada para ampliar seu mercado no exterior.

“O setor é moderno e extremamente competitivo. A genética é equivalente aos dos principais concorrentes e os índices zootécnicos crescentes em virtude de melhoras no manejo e sanidade dos rebanhos. A rastreabilidade está praticamente implantada, a indústria é eficiente, e nos últimos anos, aumentou a produção basicamente por meio de aumentos de produtividade. O setor começa a crescer no Centro-Oeste seguindo o trajeto dos grãos, implantando unidades avançadas. O que ainda nos segura, além das barreiras sanitárias, é o chamado Custo Brasil, estrutura tributária anacrônica, transporte caótico, o gargalo dos portos.

AGROANALYSIS Em poucos meses, o comércio mundial de suínos sofreu dois grandes traumas: a crise econômica e a

chamada gripe suína, que confundiu o consumidor. Já é possível avaliar os impactos de cada uma destas crises?

PEDRO DE CAMARGO NETO A epidemia da nova gripe, que denominamos A(H1N1), assustou o setor, confundiu o consumidor, e realmente trata-se de importante questão de saúde pública. Não chegou, porém, a afetar o comércio. As exportações até podem ter se beneficiado um pouco. O mercado interno sofreu impactos pontuais na venda de cortes in natura, parte menor do consumo dominado pelos processados de suíno que nada sofreram. Viramos a página na questão comercial, sobrando, porém, importantes reflexos na maior atenção à biossegurança das granjas, fato que acreditamos veio para ficar.

AGROANALYSIS E a crise econômica?

CAMARGO NETO Ela teve reflexos sérios principalmente no primeiro semestre. Afetou as relações no mercado financeiro e fez desaparecer a liquidez nos primeiros meses do ano. O governo anunciou durante meses milhões de reais que não chegaram até o caixa das empresas. O aperto obrigou ajustes nos estoques, afetando a oferta, com consequências nos preços, em particular no suíno vivo do mercado *spot*. Certamente é responsável por importante prejuízo arcado pelos produtores e agroindústria em 2009.

AGROANALYSIS O que o governo e as empresas deveriam fazer para ampliar as exportações brasileiras de carne suína?

CAMARGO NETO O Brasil tem hoje uma participação de cerca de 11 % nos flu-

xos comerciais de carne suína. Dos 5,5 milhões de toneladas transacionados no comércio internacional, o Brasil exporta somente 600 mil toneladas. Analisando os países importadores, verificamos que o Brasil não vende para os principais importadores, e sempre em função de barreira sanitária. Quando o Brasil conseguir derrubar essas barreiras sanitárias, teremos a possibilidade de rapidamente triplicar nossas exportações.

AGROANALYSIS Como derrubar as barreiras?

CAMARGO NETO A carne suína sofre as consequências das restrições por febre aftosa, doença que no Brasil a epidemiologia prova que é dos bovinos, mas é o suíno que mais sofre as consequências. Todos os processos de abertura de novos mercados andam muito devagar. É muito difícil influir nos governos estrangeiros, mas o Brasil certamente poderia fazer muito melhor sua parte. É um processo lento e exige que o outro lado se interesse em negociar. Tem sido fácil utilizar argumento em tese técnico para manter o mercado fechado. O primeiro passo é ter de fato sanidade. A realidade sanitária sendo frágil será muito difícil. O segundo é convencer o outro lado dessa realidade. Exige credibilidade do País e de seu serviço sanitário. O resto é tempo e vontade política. Destacamos que a negociação é entre autoridades sanitárias, em que o setor privado entra com pouca força por estar de fora, embora com muita vontade por ser o grande beneficiado. Autoridades sanitárias em geral são difíceis de lidar. É difícil lidar com a nossa, imagina com a de governos estrangeiros. Ter sanidade dentro de conceitos estabelecidos e consolidados ajuda. Imaginávamos no início que conseguiríamos convencer que, sendo a epidemiologia da febre aftosa diferente nos suínos, que não são vacinados e não têm apresentado focos da doença, conseguiríamos abrir mercados que exigem para bovinos o *status* sem vacinação. Apoiamos o desenvolvimento de estudo de análise na transmissão da doença pelo comércio, mostrando que o risco é irri-

sório. Ficou evidente que seria muito difícil. Felizmente Santa Catarina avançou no conceito tradicional de regionalização sem vacinação.

AGROANALYSIS Mas mesmo para Santa Catarina os mercados não foram abertos.

CAMARGO NETO É verdade. Iniciamos 2009 imaginando que seria o ano da abertura e terminamos somente atingido o objetivo para as Filipinas e o Vietnã. Certamente uma frustração. Imaginávamos que abríamos o mercado da China durante a viagem do presidente Lula a Beijing em maio. O presidente esteve lá, porém a agência sanitária da China parece ter ignorado sua presença. Em janeiro, o embaixador norte-americano em Brasília Clifford Sobel informou verbalmente que a análise de risco realizada pelo Aphis, órgão sanitário do governo, tinha sido positivo. Vamos terminar o ano sem conseguir o próximo passo, que seria a colocação desse estudo em consulta pública em Washington. Mas nem tudo é negativo. A União Europeia realizou missão veterinária em outubro e a Coreia em novembro, com informações preliminares muito positivas.

AGROANALYSIS O setor de carne suína participa da COP-15? Em que medida o setor pode reduzir suas emissões de gases de efeito estufa?

CAMARGO NETO A reunião de Copenhague é um evento político muito importante mas de limitados resultados práticos imediatos. O que precisamos é que cada país, cada setor, cada empresa, cada cidadão realize mudanças no sentido de reduzir os gases de efeito estufa. O setor de suínos tem no processamento de dejetos sua principal obrigação. A tecnologia para isso está aí e já é amplamente divulgada. Grande parte dos investimentos já foi realizado. Existem pequenos produtores que não conseguiram ainda realizar os investimentos. É uma questão de capacidade de investir nos anos de crise. Lembro que nossa associada Sadia teve seu projeto aprovado pelo órgão da ONU como desenvolvimento limpo.



“ Quando o Brasil conseguir derrubar essas barreiras sanitárias, teremos a possibilidade de rapidamente triplicar nossas exportações ”

AGROANALYSIS Negociação comercial exige habilidade política e conhecimento técnico. Há gente capacitada no Itamaraty e no MAPA para abrir novos mercados para o agronegócio brasileiro?

CAMARGO NETO Vamos por partes: no Itamaraty falta prioridade política para a agricultura, embora o setor tenha sido incorporado no discurso da diplomacia. Falta entrar na prática. Sinto que a pujança da agricultura foi usada para outras prioridades. Foi a agricultura que deu músculos à diplomacia. A única mesa do tipo G4, em que o Brasil sentou-se com a União Europeia, os EUA e a Índia é uma de negociação agrícola. O G20, grande sucesso da reunião da OMC em Cancun, era um grupo em torno do denominador

comum dos subsídios à exportação. Os contenciosos agrícolas ofereceram um destaque para o Itamaraty. Infelizmente se esquecem da base, da origem da força, devem pensar que é competência deles. No Ministério da Agricultura existem profissionais competentes, mas em número reduzido considerando o espaço que o Brasil ocupa atualmente. O setor privado cresceu muito. Nossos produtores e nossas empresas estão entre os melhores do mundo. Tem faltado também gestão competente dos limitados recursos existentes.

AGROANALYSIS Quais são as vantagens da carne suína brasileira em relação às concorrentes? Preço mais baixo?

CAMARGO NETO O setor é moderno e apresenta as vantagens usuais do Brasil, começando pelo acesso aos grãos, milho e soja, extremamente competitivos. A genética é equivalente à dos principais concorrentes e os índices zootécnicos crescentes em virtude de melhoras no manejo e sanidade dos rebanhos. A rastreabilidade do setor está praticamente implantada, pois a maior parte da produção trabalha dentro do sistema de integração que permite coordenação e controle da produção com grande facilidade. A indústria é extremamente eficiente. Nos últimos anos, aumentamos a produção basicamente por meio de aumentos de produtividade. O setor começa a crescer no Centro-Oeste seguindo o trajeto dos grãos, implantando unidades conceitualmente avançadas. O que ainda nos segura, além das barreiras sanitárias, é o chamado Custo Brasil, estrutura tributária anacrônica, transporte caótico, o gargalo dos portos.

AGROANALYSIS Vamos falar um pouco sobre tendências de consumo de carnes. Nos mercados mais sofisticados, a busca por uma alimentação saudável deve favorecer as carnes de frango e de suínos, em detrimento da carne vermelha. De outro lado, a preocupação com o bem-estar animal é um fator negativo para as criações intensivas. Agora, nos países populosos, como a China e a Índia, o que vale mesmo é o preço, não é?

CAMARGO NETO Refizemos pela terceira vez em dez anos um estudo de mercado. Confirmou-se o resultado anterior em que a carne suína é avaliada como a mais saborosa, porém com dois preconceitos: a questão da gordura - o colesterol - e a higiene - ainda a cisticercose. Esta última reduziu-se significativamente e, portanto, ignoramos, poi mais um pouco de tempo desaparece. Quanto à questão de ser ou não gordurosa temos enfrentado com formadores de opinião, a classe médica. Já é o quarto ano que temos participado de congressos de cardiologia e nutrição, com pequenos eventos. Uma palestra com informações técnicas, o patrocínio de um coquetel, a distribuição de *folders* com



“Iniciamos 2009 imaginando que seria o ano da abertura e terminamos somente atingido o objetivo para as Filipinas e o Vietnã”

informações básicas, aos poucos vamos difundindo a realidade: o teor de gordura de cortes suínos é igual ou menor que o das outras carnes. É água mole em pedra dura e vamos caminhando.

AGROANALYSIS Mas a gastronomia aos poucos vem descobrindo o sabor da car-

ne suína. Eu, por exemplo, adoro um filezinho. Que o rabino não nos ouça.

CAMARGO NETO O consumo de carne suína ainda é muito concentrado nos industrializados. Cortes *in natura* são pouquíssimos, até porque comprar ainda é difícil. A variedade é reduzida. O espaço de gôndola no varejo é limitado. É preciso ter mais do que lombo, bisteca e pernil em pedaços. A concorrência das aves e bovinos ataca com dezenas de cortes, fracionados, bandejinhas diversas, variações de preço significativas. Estamos, porém, caminhando. Começam a aparecer novos cortes, a picanha, o filezinho. Devagar vamos indo embora ainda nos ressentimos de uma boa embalagem. O varejo certamente gostaria de receber o produto pronto para a gôndola, sem manuseio na loja e este avanço tecnológico ainda não atingimos. Felizmente a onda *gourmet* nos favorece. Hoje praticamente todos os melhores restaurantes incluem no cardápio pratos com carne suína. Aos poucos avançamos.

AGROANALYSIS Bem-estar animal é uma ameaça?

CAMARGO NETO É uma novidade que veio para ficar. Antes de tudo é uma questão de educação, treinamento, recursos humano. A WSPA – Sociedade Mundial de Proteção Animal lidera um programa de abate humanitário atuando no bem-estar dos animais desde o embarque na propriedade rural até o manejo no frigorífico com nosso apoio e participação.

AGROANALYSIS O aumento da demanda por proteínas favorece a carne suína?

CAMARGO NETO A demanda mundial de proteína animal cresceu como reflexo do aumento do poder aquisitivo em países em desenvolvimento populosos. O mercado internacional entra complementando a produção local. As possibilidades do Brasil são imensas, pois temos as melhores condições para ampliar a produção. As aves e bovinos cresceram muito nessa rota e agora chegou a vez da carne suína. Teremos o mesmo sucesso. ■